

Capítulo 1

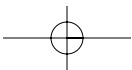
Um postal de Audrey Hepburn

Tom aprendera com José Quintero que não se deve roubar pão — o motivo é de ordem religiosa; e que dirigir uma peça ou um filme é procurar algo de tímido e interior, escondido nos bosques do nosso ser.

Era o começo do Outono e as folhas desprendiam-se das árvores; à noite fazia frio. No teatro, fazia sempre frio. Tom tinha visto tantas raparigas a lerem o papel, que começava a sentir-se aborrecido. Uma das actrizes profissionais do primeiro dia...

A rapariga foi a última da tarde. Ele viu-a atravessar a sala e subir para o palco sem grande interesse. Era bonita, o cabelo louro comprido, o corpo magro, vestia um casaco preto de cabedal que tirou antes de sentar-se. Por baixo vestia uma T-shirt branca, sem mangas, e uma saia preta que lhe ficava alguns centímetros acima do joelho. Botas pretas. Parecia cansada.

Tom conhecia aquele cansaço. Não era o cansaço de quem trabalhara muito naquele dia, de quem trabalhara muito na véspera, mas a simples dor de estar vivo. Devia ter vinte e nove ou trinta anos. Ele conseguia ver a sua história nos olhos cor de ave-lã. O trabalho num bar para pagar os estudos, um ou dois bons



papéis, inúmeras audições e depois nada. Pequenos papéis em peças que saíam de cartaz ao fim de umas semanas e nada.

Ela enganou-se logo no princípio do texto, riu de forma pouco natural e pediu para começar de novo. Kevin, sentado numa cadeira à sua frente, sorriu-lhe com um ar encorajador.

Tom gostava do seu riso, gostava muito da sua voz. Se houvesse um pequeno papel, poderia considerar o assunto, mas a peça só tinha duas personagens. Duas horas num único cenário, dois actores, nenhum intervalo. Os actores tinham de ser muito fortes... Kevin era sempre bom, ele sabia disso, mas de certa forma a actriz era mais importante.

Ela estava a ler de novo, a voz ainda insegura. E então, quase sem se dar conta, Tom começou a vê-la.

Não era uma verdadeira loura. O seu cabelo era castanho. Os seus olhos, os seus olhos cor de avelã, tinham muito de verde. O cabelo castanho, um corte diferente, um vestido verde, solto e um pouco abaixo dos joelhos, sapatos pretos, rasos.

Sentiu percorrê-lo uma forte excitação. Sim, aquele podia ser o seu rosto. Longo e de traços correctos, as maçãs do rosto altas, os lábios carnudos com um resto de batom. Conservava um ligeiro bronzeado do Verão, não só no rosto mas nos ombros, no peito, nos braços. Havia nela alguma coisa de Audrey Hepburn. E se havia alguma coisa, ele podia inventar o resto.

Tom fez um sinal a Ed, que interrompeu a rapariga.

Ela ergueu os olhos, e Tom reconheceu o desânimo neles. Estava tão absorvida na leitura do texto que quase esquecera o que a rodeava. Mas já ouvira centenas de vezes aquele agradecimento seco, que significava o fim de qualquer esperança.

Não desta vez, pensou ele.

— Podia levantar-se? — pediu.

Ela olhou na direcção dele e Tom viu-a estremecer.

— Claro.

A sua forma de estar de pé.

Perguntou-lhe de onde era; mas só queria vê-la. Uma pequena cidade do País de Gales. Parecera-lhe reconhecer o sotaque.

— Há quanto tempo vive em Londres?

— Há catorze anos.

Levantou-se também e aproximou-se dela. Tinham a mesma altura.

— Há alguma coisa de que goste particularmente em Londres?

Ela hesitou por um momento e depois riu.

— Os narcisos amarelos em Março.

— As primeiras flores da Primavera.

— Sim.

— Que mais?

— A montra de Marchpane Children's Books.

— Cecil Court.

— As aguarelas de Turner.

— O princípio da cor...

— E um certo Bonnard na Tate.

— Qual?

— Uma rapariga de pé. A mesa com uma jarra de flores vermelhas. A janela e um terraço lá fora.

— E um gato.

— Dois gatos.

— E gosta do rio...

— E gosto do rio.

Tom acendeu um cigarro. Sim, podia ser ela. A sua excitação aumentou, mas sorriu-lhe com frieza.

— Nós entramos em contacto consigo.

Ela ficou imóvel por instantes. Depois pegou no casaco e pôs a bolsa preta ao ombro. Afastou-se e Tom seguiu-a com os olhos. Quando estava quase a chegar à porta, ele teve a impressão de que coxeava.

Kevin também tirara do bolso o maço de cigarros.